

20. DEP. LEG. 12458
HISTÓRIA DA GRANDE BATALHA
DE
ALJUBARROTA E DA PADEIRA
QUE
MATOU SETE ESPANHÓIS



139208



COLECCÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO TREZE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1939

L.
29157



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO - 1939

LISBOA - EDIÇÕES S. P. N. - 1939

LIVRO TREZE

HISTÓRIA DA GRANDE BATALHA DE ALJUBARROTA E DA PADEIRA QUE MATOU SETE ESPANHÓIS

Naquele tempo — por volta de 1384 — as coisas iam muito mal na nossa terra.

El-rei D. Fernando morrera deixando uma só filha, Dona Beatriz, que casara com D. João, rei de Castela; e este rei dizia que a coroa de Portugal pertencia à sua mulher.

O pior é que muitos fidalgos portugueses pensavam como êle e entendiam que o seu dever de lealdade os obrigava a defender os direitos da princesa herdeira Dona Beatriz. Mas outros fidalgos diziam que o herdeiro da coroa era o infante D. João, irmão mais novo do falecido rei D. Fernando; ainda que estes eram poucos, porque o infante D. João, quando fôra do cêrco de Lisboa, viera com os espanhóis contra os portugueses, e, de tôda a maneira, el-rei de Castela tinha-o agora preso e não o deixava aparecer, com mêdo que os portugueses lhe dessem a coroa que êle ambicionava para si.

Assim os fidalgos andavam divididos, cada qual puxando para a sua banda, e não se entendiam, e até se embrulhavam em batalhas uns contra os outros. Os espanhóis, vendo-os assim entretidos, iam entrando em Portugal, passando as fronteiras, ora aquí, ora acolá, e matavam, e roubavam e largavam fogo às casas e às searas.

Mas o povo, que era quem pagava as favas porque via as suas searas espezinhadas pelas correrias dos cavaleiros, e as suas casas a arder, e os seus bens roubados, não queria lá saber se era a princesa Dona Beatriz ou o infante D. João que tinha direitos à coroa de Portugal. O que o povo sabia muito bem era que a princesa Dona Beatriz era casada com o rei de Castela e que o infante D. João pegara em armas contra a sua terra. E o povo não queria ser governado nem por um rei espanhol nem por um traidor. O coração do povo estava todo com o outro D. João, o irmão bastardo de el rei D. Fernando.

Fôra este D. João quem dera cabo do conde Andeiro e pusera fora da regência aquela rainha Dona Leonor Teles que tanto mal fizera. O povo não esquecia que fôra este valente príncipe quem o livrara da vergonha; se não fôsse êle, àquela hora estava Portugal nas unhas dos espanhóis.

Era um rapaz de mão cheia. Esbelto, bem parecido, bem feito de corpo, bom cavaleiro como poucos, e desembaraçado que era um louvar a Deus. Tinha sido criado pelos frades guerreiros da Ordem de Cristo, e depois pelos da Ordem de Aviz, de que agora era Mestre, quere dizer, comandante. E tôda a gente lhe chamava Mestre de Aviz, ou só Mestre, e todos o estimavam e o

respeitavam nem que êle tivesse mais idade; era até de pasmar que um rapaz de vinte e um anos inspirasse tal respeito e admiração.

O povo via nêle o seu salvador e nêle punha tôdas as suas esperanças. E tinha razão; de mais a mais havia ao lado dele dois homens que, só por si, valiam mais que todos os espanhóis juntos. Era um deles D. Nun'Álvares Pereira, rapaz que andava pela idade do Mestre, cavaleiro e guerreiro como não havia outro, e ajuizado, e temente a Deus, de tal maneira que tudo que fazia lhe saía certo como se tivesse sempre S. Jorge e S. Tiago ao seu lado a guardá-lo e a ajudá-lo. O outro grande amigo do Mestre era um doutor chamado João das Regras, homem estudioso e tão sabido e esperto, e tão conhecedor das leis, que falando êle e mostrando as suas razões ninguém lhe levava a melhor.

Nun'Álvares com a sua fé, a sua gente bem ensinada, a sua valentia e a sua grande arte da guerra, ia defendendo a terra de Portugal contra os espanhóis; e João das Regras falava e explicava a todos que o Mestre é que devia ser rei e que para isso tinha todo o direito. E cada qual dêstes dois fazia tão bom trabalho que, a pouco e pouco, as vilas, cidades e castelos se iam rendendo ao Mestre.

Nesta altura houve uma grande reunião das Côrtes em Côimbra; e ali estavam todos os Bispos e fidalgos e procuradores do povo. Então João das Regras desandou a falar que foi um espanto. Disse que o reino de Portugal não podia ser governado pela princesa Dona Beatriz porque seu marido, el-rei de Castela, era um estrangeiro e andava excomungado pelo Papa; e que o infante D. João também não podia ser rei porque o Papa não tinha querido reconhecê-lo como filho legítimo de el-rei D. Pedro. E tantas coisas aventou êste grande doutor João das Regras, e tais razões mostrou, que os Bispos e fidalgos não tiveram mais remédio senão convencer-se daquelas verdades. Os procuradores do povo não precisavam de ser convencidos, porque não queriam mais nada senão que o Mestre fôsse rei.

No fim das Côrtes, com grande algazarra e fé, ali mesmo foi o Mestre aclamado rei de Portugal. E apenas se viu rei, a primeira coisa que o Mestre fêz foi declarar Nun'Álvares Condestável do Reino, quere dizer, o primeiro fidalgo abaixo do rei e comandante geral de tôdas as tropas portuguesas.

Este foi um grande dia para a nossa terra porque o Mestre, que ficou sendo el-rei D. João I de Portugal, foi um dos melhores reis que tivemos, e o primeiro da dinastia de Aviz, tão gloriosa, que tornou a nação portuguesa numa das mais afamadas, ricas e poderosas do mundo naqueles tempos. E isto foi no ano de 1385, quere dizer, vai em quinhentos e tantos anos.

Agora já Portugal tinha um rei, louvado Deus! E que rei! Um rapaz na fôrça da vida, sério, sem vícios, forte de vontade e de juízo e muito querido do povo. E ao seu lado, fixes que nem penedos, lá estavam o Condestável D. Nun'Álvares Pereira para o defender com a sua espada e o seu grande coração e o doutor João das Regras com tão boa cabeça e tão sabido em leis, para o guiar e ajudar no govêrno da nação.

Mas os espanhóis não queriam saber de nada disto. Teimavam na sua: que a princesa Dona Beatriz é que era rainha de Portugal. E faziam o que podiam para entrar na nossa terra. O Condestável caçava nêles, ora num ponto da fronteira, ora noutro, que era um regalo; mas varridos de um lado, logo apareciam noutro. Era um nunca acabar de combates e batalhas e os campos de Portugal sofriam, que os espanhóis não os poupavam com roubos, mortes e incêndios onde quer que chegassem.

Ora um belo dia, estando el-rei D. João I mais o Condestável em Guimarães, chegou-lhes a notícia de que el-rei de Castela vinha em pessoa a caminho de Portugal com todo o seu exército, que era muito grande e muito poderoso, decidido a fazer guerra e a tomar de vez para si a nossa terra.

Naqueles tempos os exércitos não eram como hoje. Não havia sortes, nem recrutas, nem serviço militar, nem exercícios. O rei e os príncipes e os fidalgos e os Bispos, tinham cada qual terras suas, vilas, aldeias, castelos, cidades. E quando era preciso combater o inimigo, cada um arrebanhava a gente das suas terras e toca a andar, que para diante é que era o caminho. As armas de então não eram difíceis de manejar. Já se vê, havia soldados ensinados para lidar com cavalos e certas armas, mas a maior parte era como já disse. E havia também os frades das ordens guerreiras e êsses eram sempre bons cavaleiros e bons soldados.

Quando chegou a Guimarães aquela notícia de que el-rei de Castela vinha com tôdas as suas tropas a caminho de Portugal, el-rei D. João mais o Condestável partiram logo a caminho do Pôrto e daí a Coímbra; e de Coímbra direitos a Lisboa. E iam em ordem de batalha, cada fidalgo com sua gente de pé e de cavalo, e o Condestável na vanguarda e el-rei na retaguarda.

Quando chegaram a Alemquer, el-rei disse ao Condestável que fôsse por aquelas terras entre o Tejo e o Guadiana a arrebanhar gente para a batalha. O Condestável partiu logo, levando na sua companhia trezentas lanças. E foi a Muge, a Montemor, a Arronches, a Évora, a Estremoz, e a outras terras, e foi juntando gente, fidalgos e povo. E juntou todos os cavaleiros e escudeiros e outra gente de armas dos concelhos e comarcas por onde ia passando, e bêsteiros e gente de pé, que andariam entre todos por dois mil e quinhentos. E na companhia desta gente foi ter com el-rei a Abrantes.

Em Abrantes, el-rei D. João, que tinha já muita gente consigo, apenas o Condestável chegou, reuniu logo o seu Conselho para se combinar como se daria batalha às tropas espanholas.

Mas no Conselho, os fidalgos não se entendiam. O Condestável e muitos outros queriam ir já dar batalha e diziam que era preciso ir contra os espanhóis e pô-los fora de vez. E outros diziam que a batalha se não podia fazer, porque os portugueses eram poucos, mal armados e mal ensinados e el-rei de Castela vinha com todo o seu poder, que era muito grande, e que as nossas tropas não poderiam vencê-lo. El-rei ouvia uns e outros e ficava-se a cismar. E os espanhóis estavam já em Portugal, pelas alturas de Coímbra.

O Condestável andava muito enfadado com tôdas estas discussões e amofinado com tantas demoras. Fervia-lhe o sangue nas veias ao saber que, entretanto, os espanhóis avançavam sem que ninguém lhes tolhesse o caminho. E uma

tarde tirou-se dos seus cuidados, saiu da sala do Conselho sem dar cavaco a ninguém e retirou-se para o seu acampamento. No dia seguinte, logo de manhãzinha, ouviu missa com muita devoção e, juntando todos os seus capitães e soldados, abalou a caminho de Tomar.

El-rei D. João, ao saber tal coisa, ficou muito agastado. Os fidalgos contrários à guerra, aproveitaram logo isto para dizerem mal do Condestável: que aquilo não era coisa que se fizesse, que era falta de respeito por el-rei, e mais razões contra Nun'Álvares a ver se el-rei se escamava com êle. Mas el-rei estimava o Condestável nem que fôsse seu irmão e fiava-se nêle como em si próprio. Não deu ouvidos a estas intrigas e mandou um homem da sua confiança, a mata cavalos, alcançar Nun'Álvares e dizer-lhe que voltasse.

Nun'Álvares respondeu que pedia por favor a el-rei que o deixasse ir, e foi continuando seu caminho. El-rei mandou outro cavaleiro ter com o Condestável e dizer-lhe que voltasse. E o Condestável tornou a responder pedindo a el-rei, por favor, que o deixasse continuar seu caminho, e disse ao Cavaleiro:

« — Diz lá a el-rei, nosso senhor, que eu mais estes que me acompanham vamos dar batalha aos espanhóis. Não se há-de dizer que o inimigo entre assim por terra de Portugal sem que ninguém lhe tolha os passos. Nem que os espanhóis fôsem dez vezes mais do que são, eu me arredaria para os deixar passar. Mais vale morrer com honra que viver deshonorado. E ainda que os espanhóis fôsem cem mil e nós só meia dúzia, com a ajuda de Deus os venceríamos.»

Quando o cavaleiro entrou na sala do Conselho e deu a el-rei esta resposta do Condestável, levantou-se lá do seu lugar um doutor muito bem falante, chamado Gil de Ossém e disse alto e bom som que o Condestável é que tinha razão, e que, quem tivesse ali um coração dentro do peito e merecesse nome de português, não podia fazer outra coisa senão dar batalha aos espanhóis.

E tais razões apresentou que logo ali se decidiu a batalha; e os que a rejeitavam mudaram de idea e envergonharam-se do que tinham dito. El-rei todo contente mandou logo recado a Nun'Álvares que seguisse para Tomar, que êle lá iria ter com tôda a sua gente. E assim foi.

Mas, ainda antes de el-rei chegar a Tomar, Nun'Álvares despachou três escudeiros da sua confiança. O primeiro levava êste recado a el-rei de Castela:

— Diz-lhe que lhe peço da parte de Deus e do mártir S. Jorge, que se vá embora e que não pise mais a terra de Portugal que pertence a el-rei D. João, meu senhor. E diz-lhe que, se não quiser ir-se embora, eu, Condestável dêste Reino, o desafio à guerra de morte.

Os outros escudeiros, mandou-os Nun'Álvares secretamente à procura de alguém que pudesse dar-lhes notícias certas do exército espanhol; das suas fôrças e das suas tenções.

El-rei de Castela, ao receber o recado de Nun'Álvares, respondeu com muita soberba, que não o reconhecia como Condestável de Portugal, nem a D. João como rei, e que não tinha outra resposta que lhe desse.

E quando êste escudeiro voltava a dar conta a Nun'Álvares do seu recado, encontrou-se com os outros dois que traziam na sua companhia um prisioneiro.

Este prisioneiro era um português que êles tinham filado perto do acampamento espanhol e que andava ao serviço do inimigo. Dois dos escudeiros levaram-no para um olival onde o guardaram escondido enquanto o terceiro levou o recado ao Condestável. Ao ouvir a resposta de el-rei de Castela, Nun'Álvares pôs-se a rir e disse assim:

— Está bom, está. Nem eu esparava outra coisa.

E logo, disfarçadamente, foi ter com os outros ao olival. Assim que viu o português que os escudeiros tinham filado, disse-lhe:

— Mau português é aquêlo que serve os inimigos da sua pátria e do seu rei. E a minha vontade é que estes meus escudeiros, sem mais conversas, te botem um barço ao pescoço e te enforquem no ramo daquela oliveira. Mas antes disso quero que te açoutem com as rédeas do meu cavalo até que te escorra o sangue das costas.

Os escudeiros principiaram logo a despir o homem e a desfivelar as rédeas do cavalo. Mas o miserável atirou-se de joelhos defronte do Condestável abraçando-lhe as pernas e pedindo-lhe com muitas lágrimas que tivesse misericórdia e lhe perdoasse; que o deixasse ir para o seu campo combater os espanhóis e morrer como um homem, com um chuço nas unhas.

O Condestável mandou-o levantar e disse-lhe:

— Pois que Deus te perdoe. Dêste castigo ficas agora livre, mas hás-de responder-me com verdade ao que te vou perguntar.

E começou a fazer-lhe perguntas sôbre o exército espanhol; e assim, palavra puxa palavra, foi sabendo tudo que queria saber. O homem contou que o exército espanhol era coisa de espantar: um ror de gente de guerra, cavalaria, bêsteiros e homens de pé, e centos e centos de lanças; tudo bem armado e bem ensinado; e tôda a fidalguia de Espanha com tanto luxo e fôrça que era de maravilhar. El-rei de Castela vinha doente com sezões e traziam-no numas andas muito ricas, rodeado de todos os officiais da sua casa e de gente de serviço; e grande bagagem com o seu oratório de oiro e sua baixela de oiro e prata e tantas riquezas que nem se podiam contar. E bispos e padres, e paramentos para missas. E milhares de cabeças de gado grosso e miúdo, e de bestas carregadas de víveres. Era um nunca acabar de gente. Coisa nunca vista. Poder assim nunca entrara em Portugal. E todos vinham contentes nem que viessem numa romaria, tão animados e soberbos e certos da vitória como se já caminhassem em terra sua.

Nun'Álvares ouviu tudo isto com muita atenção e quando viu que o homem dera conta de tudo que sabia, disse-lhe:

— Agora vai mais estes meus escudeiros para o acampamento português e conta a tôda a nossa gente que vieste fugido do exército espanhol; que êles são muitos mas vêm cansados e desanimados e que os portugueses os vencerão sem grande trabalho. E toma cuidado, porque andarás vigiado e se não falares conforme aqui te ensinei, mando-te enforcar.

Feito isto, voltou o Condestável para o acampamento e foi falar com el-rei D. João que já tinha chegado e contou-lhe o que era passado e começaram a combinar como haviam de ordenar a batalha. De Tomar, el-rei e o Condestável e tôda a sua gente seguiram para um lugar chamado Atouguia

das Cabras; e aí assentaram arraiais e armaram a tenda de el-rei. E quando andavam neste trafêgo, surgiu do mato um porco montês muito grande e bravo que metia mêdo; correram com lanças para o matar, mas não puderam sequer feri-lo, o que a todos pareceu de espantar: que tantos homens juntos, desembaraçados e com boas armas não pudessem alcançar um porco montês que assim passava entre êles. E o porco foi a correr direitinho à tenda de el-rei; e logo que aí entrou dois escudeiros o mataram às lançadas. Isto foi razão de grande alegria em todo o arraial; não havia quem não dissesse que era sinal do céu de que el-rei de Castela seria vencido pelo rei D. João de Portugal.

El-rei mais o Condestável andaram a cavalo examinando muito bem aquêlê sítio onde se encontravam e que era pertinho de Aljubarrota. E depois de muito bem estudarem aquêlê campo viram que o lugar era bom para darem batalha aos espanhóis. Não convinha darem batalha em campo descoberto; ali, no fundo daquele vale, por onde os espanhóis haviam de passar, é que seria o melhor lugar. El-rei disse assim:

— Tu bem vês, Nun'Álvares, que êles têm trinta mil homens de armas. Só de cavalo são vinte mil. E nós, por junto, só temos dez mil homens. Se vêm contra nós em campo raso, dão cabo da nossa gente num instante. O que é preciso é metermo-nos aqui neste vale e fazermos uma estacada rija só com uma abertura...

O Condestável largou-se a rir e disse todo contente:

— Uma ratoeira é o que Vossa Alteza lhes quer armar! Com a ajuda de Deus, meu senhor, nem que fôssem cem mil, daremos cabo deles.

E assim conversando e destinando tudo para a batalha, iam andando devagar, à vontade dos cavalos. Chegaram ao tôpo de um oiteiro onde havia umas casitas pobres e viram que havia no ar um bom cheiro a lenha de pinho misturado com um cheiro ainda melhor a pão quente. Tanto el-rei como Nun'Álvares levavam fome. Pararam à porta de uma das casitas e chamaram:

— O da casa!

Então apareceu à porta uma mulher nova, de mangas arregaçadas e mãos nas ilhargas. Tôda ela estava enfarinhada de tender o pão. E el-rei e o Condestável ficaram pasmados a olhar para ela, tão grande e rija e bem feita era. Cada braço! Cada perna! As maçãs do rosto e a bôca eram vermelhas como cerejas e os olhos brilhavam-lhe de alegria.

— Deus te salve, rapariga! — disse Nun'Álvares — Tens um pedaço de pão quente que dês a quem tem fome?

Respondeu logo, tôda desembaraçada:

— Se eu fôsse dar um pedaço de pão a todos que mo pedem, estava governada!

El-rei riu-se, mas o Condestável franziu a testa e respondeu todo enfadado:

— Vê como falas, mulher; talvez não tenhas outra ocasião na tua vida de servir o teu rei!

A padeira ficou a olhar para êles de bôca aberta. Correu para dentro de casa e daí a pouco voltou com um grande pão enfarinhado e a estalar de calor, em cima de uma toalha bordada e branca de neve.

— Ai, meu Senhor! — disse ela apresentando o pão a el-rei — Bendita seja

a hora em que vos dou um pão do meu forno. Mas, assim Deus me ajude, que se algum espanhól passar ao meu alcance, hei-de servir-vos melhor!

El-rei tirou uma faca do cinto e cortou uma boa fatia do pão que deu a Nun'Álvares, e cortou outra para si. E enquanto comia com vontade foi dizendo à padeira:

— O teu pão é bom e o teu coração ainda é melhor. Vives sôzinha?

— Que lhe hei-de fazer? Meu pai e minha mãe morreram, e meus irmãos andam a caçar espanhóis. Ganho a vida, e o trabalho nunca me meteu medo.

— E a respeito de casamento?

— Casamento! A mulher tem de encontrar um homem mais forte e mais valente do que ela. Ainda não encontrei nenhum que valesse mais do que eu.

El-rei mediu o mulherão com os olhos e largou-se a rir:

— Não há-de ser fácil, não — disse êle.

Conversaram mais um pedaço e riram com a padeira e por fim despediram-se e seguiram o seu caminho. E a mulherona, lá no alto do oiteiro, de frente da sua casa, pôs-se a gritar:

— Viva el-rei D. João! Viva o salvador de Portugal!

E o Condestável disse a el-rei:

— Bom seria, meu senhor, que todos os soldados de Vossa Alteza tivessem corpo tão rijo e coração tão grande como os tem a padeira de Alju-barrota!

E, seguindo seu caminho, continuaram a sua conversa a respeito da batalha. Nem um nem outro esmorecia. Ambos sabiam, no fundo dos seus corações, que Deus lhes daria a vitória, se a merecessem, nem que o inimigo fôsse dez vezes mais numeroso e poderoso do que era. Tinham fé no seu direito, na sua razão; e a fé, quando é forte como era a deles, vale mais do que trinta mil exércitos.

El-rei D. João entrincheirou a sua gente no fundo do vale, de modo que os espanhóis a não pudessem atacar senão de uma banda. Mandou cortar ramos de árvores, rijos, e com êles fazer uma estacada valente para quebrar o ímpeto das cargas da cavalaria inimiga. A meio dessa estacada ficava uma abertura por onde se podia entrar e, da banda de dentro, a abertura continuava com um caminho bordado de um lado e outro por archeiros e bêteiros a pé. E, acabado o trabalho da estacada, cada um tomou o seu lugar, segundo as ordens que tinha. E ali ficaram, à espera.

Eram soldados de fortuna, arrebanhados pelos campos de Portugal, mal vestidos, sem grande conhecimento da arte da guerra, mais fiados em Deus e nos seus chefes.

O Condestável e os fidalgos e cavaleiros andavam pelo meio deles a animá-los com boas palavras de coragem e de fé; e os Bispos e os padres confessavam-nos e davam-lhes a comunhão, preparando-os para bem morrerem, se a sua hora fôsse chegada.

Ali estava aquêle punhado de homens resolutos, calados, sombrios, por detrás da estacada, à espera; e suavam de medo. Uns vinte lá conseguiram

raspar-se, escondendo-se entre as moitas, esgueirando-se em direitura a Pôrto de Mós. Mas havia já pelos arredores guardas avançadas da cavalaria espanhola; deram logo com os vinte fugitivos e caçaram nêles como se fôsem porcos monteses, às lançadas e com tal gana que nenhum escapou. Vendo isto, os outros portugueses perderam a vontade de fugir; morrer por morrer, mais valia morrer combatendo, como homens de coração.

Por volta do meio dia apareceu o exército espanhol. Era coisa de maravilhar. Cobria a terra a perder de vista e avançava num rebrilhar de armas, de bandeiras, de côres. Grandes e ricos fidalgos de Espanha e do sul da França vinham ali com o seu luzido acompanhamento de cavaleiros; todos bem montados, bem vestidos, bem armados, a faïscar ao sol nem que viessem cobertos de ouro e prata...

El-rei de Castela não vinha a cavalo; traziam-no estendido numas andas muito ricas, doente de sezões.

Os portugueses, calados, acachapados por detrás da estacada, não se mexiam. Olhavam para tôda aquela gente e encomendavam as almas a Deus.

E nisto viram avançar do lado dos espanhóis, três cavaleiros. Vinham vestidos e armados com tanto esplendor e cavalos tão ricamente arriados que mais pareciam preparados para uma festa do que para uma batalha. Disseram os seus nomes aos cavaleiros portugueses que avançaram ao seu encontro; eram todos grandes fidalgos: Pedro Lopez de Ayala, Diogo Álvares, um dos irmãos do Condestável que andavam com os espanhóis pela princesa Dona Beatriz, e Diogo Fernandez, marechal de Castela. E este último disse que vinham para falar com Nun'Álvares.

O Condestável recebeu-os e afastou-se com êles para falarem mais à vontade.

Então o marechal Diogo Fernandez disse que vinha da parte de el-rei de Castela com este recado: que sua Alteza estimava muito Nun'Álvares e o tinha na conta de muito bom cavaleiro e de homem de grande valor, e que se lhe cortava o coração de ver tão esforçado e nobre fidalgo na companhia dos portugueses que naquela hora eram gente condenada, pois não tinham defeza contra o grande exército espanhol. Pouco tempo bastaria ao exército de el-rei de Castela para desbaratar os portugueses e poucos dêstes saíriam vivos desta batalha. E que isto muito pesava a el-rei de Castela, não só pelos muitos merecimentos de Nun'Álvares como por ser muito amigo de seu irmão mais velho que agora era Mestre da Ordem espanhola da Calatrava. E que lhe pedia muito que se livrasse de tal perigo e salvasse a sua preciosa vida enquanto era tempo. Que deixasse os portugueses e se passasse para o campo dos espanhóis, porque el-rei de Castela lhe faria tais honras e lhe daria tantas terras e tantas riquezas quantas êle quisesse.

Quando o marechal de Castela se calou, Diogo Álvares avançou para o Condestável e falou-lhe dêste modo:

— Tudo que o marechal te disse da parte de el-rei de Castela, te digo eu da parte do nosso irmão, o Mestre de Calatrava.

O Condestável ouviu tudo isto com muita paciência e por fim respondeu:

— Senhores, por mais que pense, não encontro razão nas vossas palavras.

Podeis dizer da minha parte a el-rei de Castela que é firme a minha fé de que hoje mesmo êle será vencido e o seu exército desbaratado; talvez el-rei de Castela seja morto pelos portugueses nesta batalha ou trazido prisioneiro à presença do meu senhor D. João, rei de Portugal. E dizei a meu irmão o Mestre de Calatrava que não se amofine por amor de mim. Muitas vezes o avisei e a vós, meu irmão Diogo Álvares, que mau serviço fazeis a Deus andando a sôlido de inimigos da vossa pátria e de vosso rei. A-pesar-de todo o poder e riquezas do nosso irmão o Mestre da Calatrava, mais lhe convém cuidar de si que de mim, porque eu sirvo o meu Deus e o meu rei, e a sorte dele ao serviço de rei estrangeiro acabará hoje com a sua vida. E dizei-lhe que isto me dá cuidado pela sua alma e por êle ser do meu sangue.

Os outros queriam responder e apresentar mais razões, mas Nun'Álvares que principiava a enfadar-se, mandou-os calar e disse-lhes que se não abalassem de caminho, daria ordem aos archeiros de lhes cravarem uma dúzia de frechas no corpo.

E com isto se foram pouco satisfeitos com a resposta que levavam.

Entretanto, os espanhóis reunidos em Conselho, discutiam o que deveriam fazer; uns diziam que mais valia esperar, porque os portugueses mais tarde ou mais cedo sairiam detrás da estacada e então os apanhariam a todos como a coelhos. Mas os mais novos e assomados não queriam saber de esperas; feria-lhes o sangue nas veias e estavam soberbos; gritavam que era vergonha esperar, que fôsem aos portugueses já, já, sem mais detença, que a valente cavalaria espanhola derrubaria a estacada e daria cabo daquela meia dúzia de homens bisonhos que ali estavam escondidos.

E por fim os mais impacientes é que venceram. Tocaram as trombetas e a brilhante cavalaria espanhola avançou como uma onda do mar; mas contra a estacada nada puderam fazer, que por tôda a parte encontravam rijas lançadas que lhes feriam os cavalos e os faziam ir a terra. E no meio da confusão, apeiaram-se para combater a pé, que logo viram que ali a cavalaria de nada valia. Entraram na abertura da estacada e os portugueses matavam nêles que era um louvar a Deus.

Principiaram os espanhóis a perder a soberba que traziam e a ver que os dez mil portugueses bisonhos que êles cuidavam desbaratar sem trabalho, davam que fazer, e muito, ao seu exército de trinta mil homens. Dos cavalos uns feridos, outros mortos, outros fugidos a monte, já ninguém se importava, que ali a cavalaria não tinha préstimo nenhum. El-rei D. João não se furtava ao perigo; onde a batalha era mais brava, ali estava êle ao lado dos seus soldados a defender como valente a sua real coroa. Quer fidalgos quer soldados, vendo isto, enchiam-se de tal esperança e de tal bravura, que cada homem valia por dez. E o Condestável parecia estar em tôda a parte ao mesmo tempo. Onde os nossos fraquejavam, lá aparecia êle a gritar:

— Portugueses, àvante! Filhos e senhores, por vosso rei e por vossa terra!

Quantas vezes os espanhóis avançavam trazendo reforços de gente, ali se quebravam contra o quadrado dos portugueses. El-rei de Castela, a tremer com

as sezões, quando viu as coisas mal paradas, abalou nas suas andas, a tôda a pressa. Muitos dos maiores fidalgos da Espanha e da França jaziam mortos; e muitos começaram a debandar, vendo que já não podiam agüentar a sua gente que abalava por aquêles montes correndo quanto mais podia.

Ora no meio da batalha andava um cavaleiro muito bem armado, num grande e lindo cavalo; e ainda que a viseira lhe escondesse o rosto, pelos modos e valentia e pelo respeito das tropas, Nun'Álvares conheceu-o por seu irmão, o Mestre de Calatrava. E então aconteceu uma coisa de espantar. O Condestável viu uma lança vir no ar do lado dos portugueses, a voar como se tivesse vida, e sôzinha se foi cravar no peito do cavaleiro que logo caíu por terra e mais ninguém o viu.

Estava acabada a grande batalha de Aljubarrota e a vitória era de el-rei D. João I de Portugal.

Os espanhóis fugiam por tôdas as bandas; e os portugueses atrás deles matando quantos mais podiam.

Uns sete espanhóis fugidos, esgueirando-se entre as árvores e as moitas, chegaram ao cimo do oiteiro defronte da casita da padeira de Aljubarrota onde naquele dia de manhã estivera el-rei D. João mais o Condestável.

Ela ouviu-os vir; ouviu o estalar das fôlhas sêcas e das agulhas de pinheiro a cada passo cauteloso que êles davam. Não sabia quantos eram mas disse de si para si que fôssem quantos fôssem não lhe haviam de passar à porta sem que ela marcasse algum, ainda que lhe custasse a vida.

Entrou para dentro de casa, pegou na pá do forno e escondeu-se atrás da porta que deixou aberta.

Os espanhóis, não vendo ninguém foram surgindo defronte da casa.

— Aqui há pão — disse um deles.

— Vamos a entrar — disse outro — pão ou o que houver é da gente; que aqui não está ninguém.

— E ainda que esteja — disse um terceiro — dá-se-lhe cabo do canastro. Vamos a encher os alforjes, rapazes! Alguma coisa levaremos desta maldita guerra.

Escondida atrás da porta, a padeira escutava esta conversa e, a tremer de raiva, dizia de si para si:

— Ah! cãis! que há tanto tempo andais a pisar o chão bendito da minha terra, a roubar, a queimar, a matar, e ainda não estais fartos! Vinde, vinde agora, que eu vos darei bom farnel... e o diabo vos carregue!

Os sete homens estavam já todos no terreiro defronte da casa e acautelavam-se, olhavam para um lado e para outro, à escuta. Mas não se ouvia nada ali perto. Só gritos, e pragas, e correrias de cavalos ao longe por aquêles montes e vales onde os portugueses andavam a caçar espanhóis fugitivos.

Então o primeiro entrou na casa e logo outro atrás dele. E ainda bem não, a padeira descarregou-lhes dois golpes tão valentes com a pá do forno que logo ambos caíram no chão com as cabeças rachadas. E não disseram ai nem ui, que nem tempo tiveram de gritar.

E a padeira, tôda contente, retirou-se para trás da porta e deixou-se ficar

à espera. A casa estava escura e de fora os outros que tinham ficado de vigia no terreiro cheio de sol, não viam nada para dentro.

Entraram mais dois e tiveram a mesma sorte. Então os três que restavam começaram a desconfiar. Foram-se chegando à porta, devagarinho e espreitaram para dentro. Viram os quatro companheiros estendidos no chão com os miolos de fora.

Recuaram para o terreiro a tôda a pressa.

— Isto é coisa má — disse um deles. — Toca a andar.

Mas a padeira quando tal ouviu, saltou cá para fora, com a pá na mão.

— Toca a andar? — gritou ela. — Toca a andar mas é para casa do diabo, grandessíssimos malandros!

Metia medo. Era grande e forte que nem um toiro. Cada braço era como uma trave. Tôda enfarinhada, com os cabelos esguedelhados ao vento e os olhos a faiscarem de fúria, parecia coisa de outro mundo.

Mas os espanhóis eram valentes. Desembañharam as espadas e atiraram-se a ela.

A padeira ergueu a pá. O primeiro golpe apanhou um dos homens pela pescocera e quási lhe cortou a cabeça fora. O segundo apanhou a pá na barriga e ficou logo de tripas ao sol. O terceiro, ao ver isto, largou a espada e abalou a fugir. Mas a padeira foi atrás dele com a pá erguida e abriu-lhe a cabeça em duas metades. Então parou e olhou em volta de si a ver se aparecia mais algum inimigo. Mas não havia mais nenhum.

Nisto ouviu um tropel de cavalos. Era el-rei D. João que vinha com alguns cavaleiros e homens de armas no encalço de espanhóis fugidos.

Viu os mortos estendidos no eirado e a padeira encostada ao cabo da pá a limpar o suor da testa.

— Quem fêz êste serviço? — perguntou el-rei.

A padeira respondeu:

— Fui eu, meu senhor.

Levou el-rei dentro da casa e mostrou-lhe os quatro que lá estavam estendidos.

— Foste tu? Sôzinha? — perguntou el-rei pasmado.

— E mais que fôsem — respondeu ela. — Louvado seja Deus, que me deu braços e coração para servir o meu rei e a minha terra quando é preciso.

— Se fôsses homem — disse el-rei — armava-tê aqui mesmo cavaleiro. Mas pede-me o que quiseres.

— Não quero nada senão que Vossa Alteza limpe de inimigos a terra de Portugal.

El-rei de Castela fugira para Santarém onde tinha tropas e com elas abalou para Lisboa. Aí embarcaram os espanhóis nos seus navios que estavam no Tejo e foram-se para a sua terra; não sem custo, que por todo o caminho os portugueses foram sempre em cima deles a batalhar, de maneira que dos que escaparam de Aljubarrota, nem metade chegou a Lisboa.

El-rei D. João ficou três dias em Aljubarrota a guardar o campo de batalha, como era costume depois de uma vitória. E o Condestável na sua companhia. E daí seguiram para Santarém onde foram recebidos com muitas festas

e alegrias, que o povo estava todo contente de se ver livre dos espanhóis e de ter um bom e valente rei que tão bem sabia defendê-lo.

Antes da batalha de Aljubarrota tinha el-rei feito uma promessa a Nossa Senhora: que no lugar mesmo da batalha, se Deus lhe desse a vitória, havia de mandar construir o mosteiro mais rico e mais lindo da Cristandade. Foi a pé em romaria a Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, para mostrar a Deus a sua humildade e em acção de graças pela vitória que a vontade do Céu lhe dera, e logo depois mandou começar os trabalhos do mosteiro a que deu o nome de Santa Maria da Vitória que ainda hoje é uma das jóias mais preciosas que em todo o mundo os homens talharam na pedra.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DOS EMBAIXADORES MANHOSOS

2.
27157



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.